O PRINCIPIO

DE

NACIONALIDADE

Ensaio de analyse conceitual

POR

João Perestrello

LISBOA
LIVRARIA EDITORA DE A. M. TEIXEIRA
1917

ERRATA

Paginas	Linhas	Onde se lê	Leia-se
13	25	visão	vizão
14	4	visão	vizão
18	25	Bacon, o chanceler no sentido	Bacon o chanceler, no sentido
31	15	ideia	idea
31	18	ideias,	ideas,
37	3	especial	espacial
37	26	trabalhe	trabalho
40	9	stractos	estratos
43	3	veses	vezes
43	15	intelecto-	intellecto-
43	18	agregado	aggregado
158	10	varicar	verificar
164	27	do	ao

O PRINCIPIO DE NACIONALIDADE

Ensaio de analyse conceitual

POR

JOÃO PERESTRELLO

ENG. E PROF.

LISBOA

Comp. e imp. na Typographia do Annuario Commercial

Praça dos Restauradores, 24

1917

N.º 94

Aos estudiosos

e

aos defensores

DA

NACIONALIDADE PORTUGUEZA

MAIO DE 1917.

Dedica o auctor.

Indice

Prologo	pag.	IX	a	XIV
Introducção	»	1	»	22
Capitulo I	»	23	»	45
» II	»	47	»	58
» III	»	59	»	88
» IV	»	89	»	99
» V	»	101	»	111
» VI	»	113	»	133
» VII	»	135	»	139
Notas	»	143	»	167

PROLOGO

Origem d'este trabalho — Definições basilares — O conceitualismo affirmativo — O problema philosophico da totalidade e o problema sociologico da communidade — Os limites que se impozeram ao presente estudo.

I — A origem do presente ensaio provem da necessidade, que sentimos, de encontrar uma base, induzida da realidade da experiencia historico-social, que podesse servir de appoio a um estudo relacionado com o problema da nacionalidade, no qual a nossa attenção é forçosamente solicitada pela frequencia com que se nos depara o termo «fronteira», indistinctamente applicado em mais de uma accepção.

A noção imprecisa d'esse termo permitte que certos auctores sigam, irreflectidamente, ao correr da pena, em confundir o significado de «fronteira» historico-politica, com certa successão de accidentes de natureza topographica, a que chamaram insensatamente «fronteira natural», á falta de outra palavra, recusada pela deficiencia do vocabulario ao predominio de uma ideia inconsistente.

A' identidade da terminologia seguiu-se, invo-

luntario ou propositado, o equivoco das idêas, talvez por certa confusão mental, derivada de um phenomeno de debilidade reactiva do espirito contra a conhecida influencia das «phrases feitas», que na sua propaganda segue a esteira de todas as sugestões, tão conhecidas n'este caso com o nome de psytatismo.

* * *

2 — Cada povo possue o seu «habitat» historico e ethnologico que se chama Paiz, e este apresenta uma linha peripherica, um limite marcado na historia politica e no territorio, dentro de cujo ambito a totalidade, que n'elle se encerra, se chama Nação.

Sobre esta realidade objectiva e positiva de Nação se fundamenta a origem e o conceito philosophico e juridico de Nacionalidade. Bem longe nos encontramos, pois, logo desde o começo, da consideração de accidentes topographicos e da idea absolutamente secundaria de «fronteira natural».

A existencia de uma supposta correlação entre a idea de Nacionalidade, erigida sobre os dados positivos da differenciação historica, e a noção das difficuldades, hoje bem removidas, de transpor linhas d'agua e de cumiadas, é pois fundamentalmente futil na sua origem, e inepta como argumento na dialectica internacional e em todo o commercio das ideas, sendo pois certo, que uma especie de fraquesa da mentalidade critica tem permittido tal erro

e que elle não seja repelido com aquelle justificado desdem, que é natural sentir-se pela obtusidade na auctoria dos argumentos.

Fóra do campo conceitual (a que restringimos o presente trabalho) a attenção sobre a ficção da existencia de uma relação logica, entre accidente topographico e limite politico positivo, é solicitada pelos conflictos marcados na historia do latrocinio internacional, na qual se repete sempre o mesmo ou parecido caso: a falta dos taes accidentes na fronteira politica é argumento para se tentar aniquilar completamente a alheia independencia e dominio, e, no caso de existirem taes accidentes dentro da area cubiçada, elles constituem elemento basilar no projecto de invadir o territorio até encontrar esses accidentes, conformemente com a capacidade do desejo e da realisação. Differem apenas os casos, no gráo em que o latrocinio se pode realisar, não por limitações da «consciencia internacional», mas sim da força bruta e do theor da brutalidade disponivel.

Senão, veja-se a presente licção de factos da invasão teutonica, isto é racial, contra a França, a Belgica e os paizes Balkanicos.

*
* *

3 — O orbe da terra e os povos, que o habitam, isto é, o mundo politico-social, acha-se praticamente dividido em Nações, dotadas, cada dia, com

mais affervorado sentimento de nacionalidade. E' pois natural, que o principio de Nacionalidade seja determinavel por uma serie de inducções, marcando um caminho a travez da observação universal. E' n'este campo que tentamos a nossa analyse, e por meio d'ella tratamos os problemas, cujas soluções apresentamos sob a forma conceitual de conclusões affirmativas.

O conceitualismo, que caracterisa o presente trabalho, approxima-se assim, d'aquella feição, com que se limita o dominio onde o optimismo encontra a sua propria razão de ser no mundo das ideas, obtendo a confirmação da sua fecundidade na experiencia historica e na observação contemporanea.

* * *

4 — O assumpto, que tomámos para objecto do nosso estudo, apresenta-se-nos em primeiro logar na ordem de apprehensão, como pertencente á nossa esphera da mentalidade affectiva e volitiva e exigindo, portanto, uma analyse de introspecção. Reduzimol-a a um minimo sufficiente para o nosso intuito, pois que este se abrange no sentido de podermos considerar o sentimento patrio, não no individuo isolado, mas principalmente nas suas relações perante a sociedade, que constitue o seu meio.

D'este simples aspecto da questão conclue-se que

nos encontramos perante um problema, podendo comportar para a sua solução uma analyse psychologica do ser, e da communidade.

Todavia, d'esta analyse tomamos apenas as indispensaveis conclusões, sobre cujo appoio possamos seguir no estudo que emprehendemos, e, no tocante ao problema propriamente da communidade, não nos podémos abster de tocar, ainda que muito ao de leve, n'esta «cognitio ex datis» que é propriamente o objecto da philologia, segundo um celebre pensador, quando a considera «sensu lato». Sem essas referencias teriamos de edificar uma doutrina de attributos sem substancia, ao percorrermos o caminho inducional guiados pelo aspecto da questão, que é propriamente de investigação da verdade no campo conceitual e de passagem deductiva para o dominio da realidade.

Escolhido este aspecto e esta direcção para o assumpto, vemos que ficará mais precisamente considerado na sua significação, como um problema de totalidade, por se dar na collectividade, e como um problema de unidade por se apresentar com a tendencia externa de um ser collectivo, quando se manifesta como vontade determinada e orientada d'essa mesma communidade.

Temos a prevenir o leitor, que o presente ensaio de analyse conceitual do sentimento patrio ficou bem longe de ter exgotado a questão, a qual foi apenas profundada na sufficiente medida, para que a veracidade dos dados e das conclusões fosse attingida

sem difficuldade. Não se desceu a pormenores, poupando-se assim ao leitor o tempo e a fadiga.

Na verdade, cada um dos cinco capitulos, em que o ensaio teve de desenvolver-se, exigiria um volume para se exgottar, e a introducção, que julgámos indispensavel como preparação, exigiria um outro. O nosso ensaio deve, pois, ser considerado como um esboço da questão, ou antes, um epitome e bem summarizado, do que a magnitude e a complexidade do assumpto encerra de realidade e de interesse positivo e especulativo.

O principio de Nacionalidade

INTRODUCÇÃO

O sentimento patriotico, o conceito de nacionalidade e a personalidade nacional — O respeito pela vida das nacionalidades é, perante a justiça universal, independente do numeral do povo e da extensão do paiz — Limitação do assumpto á sua parte conceitual — O sentimento relacionado com a idéa de nacionalidade — O campo da affectividade exige, pela collateridade com outros dominios, certas incursões analyticas. Razão de ordem e de processos — O assumpto encerra um problema de unidade e exige uma ampla definição de realidade, como totalidade a performar — A importancia da categoria de existencialidade e as inferencias, que a ella se referem — A par do problema de unidade, o assumpto encerra um problema de totalidade, com os seus caracteres de divisão de energias e de influencias de origem — Os enigmas envolvidos na prospecção — A implicação do conceito de causalidade e os seus limites de significação para o assumpto — Como dentro do problema de causação surge um conceito de invariancia — Origem e confirmação do conceito de racialidade — A grandeza do proposito perante os acanhados meios do auctor.

5 — De toda a affectividade humana, o sentimento que lateja mais constante e geral, desde o desabrochar para a vida consciente, palpitando sempre pelo decurso da existencia até ao regresso do espirito libertado do «pó que o veste», entre a fórma ingenua de um terno amor ao torrão natal, até ao mais elevado, heroico e excelso sentimento na culminancia

do proprio e consciente sacrificio pelo bem da communidade, — o sentimento patriotico é o mais natural, grandioso e nobre, na sua significação e na sua universalidade.

Sobre elle se fundamentou e erigio o conceito de Nacionalidade, e em volta d'elle se agitou o pensamento, que conduzio á definição juridica da Personalidade Nacional. Toda a mole da humana mentalidade tem trabalhado, concorrendo para affirmar o direito das Nacionalidades á vida mundial, tanto mais robustecido, perante a universal Justiça, quanto mais fraco de defesa e quanto mais victimado pelo alheio ciume, ou mais brutalizado pela oppressão externa.

Por estas divinizadas ideias de Patria e Nacionalidade, cada soldado da lucta ingente dos nossos dias transfigura-se n'uma lição historica e immortal de sacrificio e de não ultrapassado heroismo, na defesa dos territorios infiltrados e invadidos pela tenacidade rancorosa dos inimigos.

Por isso a vida das mais pequenas e humilhadas Nações tem que ser, mais que todas as outras, uma realidade defensavel pela sua simples existencia. Livre, na sua acção, das penetrações deleterias e dessorantes, e das asphixias circumvisinhas, para sempre liberta, emfim, do pé da tyrania que sem piedade julga, na sua barbara insania, que são pequenas as Patrias e as Nacionalidades dos povos, que ocupam pequenos paizes, — a hypocrita confusão da categoria qualitativa de Nacionalidade, com

o computo da extensão territorial ou do numeral da população, ficará para sempre aniquilada.

* * *

6 — Não nos occupamos, porém, n'este trabalho da personalidade politico-social das Nações. O nosso assumpto versa sobre a parte conceitual do estudo das nacionalidades, e, principalmente, sobre o sentimento, que, servindo-lhe de fundamento psychologico, se analysa.

São, sem duvida, innumeros os exemplos, e sem limites os materiaes, com os quaes se pode trabalhar no estudo do sentimento da nacionalidade, e da mesma profusão se dispõe para investigar, mais propriamente, o campo da psychologia patriologica, posta em parallelo, por mais de um justificado motivo, com a psychologia religiosa. Ainda no caminho de certas deducções, sômos logicamente condusidos a notar os multiplos pontos de contacto com ess'outra divisão da psychologia, a dos conjunctos, cujo conteudo é formado por todos os dados sociaes e se enriquece com as doutrinas respectivas. Contradictorias, como estas o são, não obstariam á organisação de uma psychologia sociologica, que englobaria, como caso particular, o estudo do sentimento patrio.

Para nós, é, no entanto, sufficientemente valioso o sentimento da Patria, pelo seu conteudo, e pelo

seu alcance, como sentimento de Nacionalidade, para constituir, só por si perante a analyse, um assumpto de exame, cujas consequencias decisivas e luminosas padecem apenas, no caso presente, dos apoucados meios, com que a avara natureza dotou o auctor d'esta tentativa de ensaio, e que, só ao seu forte sentimento patrio, deveu a coragem de vencer a repugnancia pelo proprio atrevimento.

A natureza do problema, que nos occupa, é pois bem mais vasta, que a parte que constitue o objecto do nosso estudo. Reduzimol-o, ao que elle pode comportar sob a incidencia d'uma simples analyse conceitual. Abstivemo-nos de o tratar no campo propriamente psychologico, ao qual não julgámos poder ascender para tomar o ponto de vista, que só a outros competiria, auctorizados.

Mas a analyse dos casos tem de preceder, forçosamente, a dos conceitos, e assim as observações, colligidas sobre a experiencia de origem externa, foram os primeiros passos, pelos quaes enveredámos no campo da analyse que tentamos.

*
* *

7 — Summariamente, como quasi sempre, analysamos o sentimento nativo de Patria, no seu natural campo da affectividade, e no dominio da mentalidade na sua forma synthetica: a intuição. Posto n'este caminho, o nosso esforço demandava, para se

completar, um limite proximo, e no entanto, por força de consciencia, não limitámos a nossa analyse, tão sómente a esse summario, mas extendemol-a a mais alguma cousa, que interessasse ao problema geral do conhecimento.

Na realidade, descobre-se no nosso problema particular, desde a primeira tentativa que se faça para o desvendar, um caracter absolutamente compativel com a vida do pensamento, e que se define como interesse ou valor. E não poderia deixar de assim succeder, pois que a acção tem no sentimento de Patria o seu logar primario, o seu dominio colligado com o de outros poderes. Por pouco que se agite o pensamento da vida collectiva, o sentimento e a vontade da nacionalidade tomam a sua posição dominante e directora.

A essencia do conceito de acção consiste na existencia reconhecida da necessidade do acto, exigindo o esforço da sua performação, reagindo contra o acto antagonico. E, relativamente a essa ideia, o conceito do sentimento patrio pode formular-se, como sendo uma especie de sensação superior, como que ultra-subjectivada; e esta espiritualização deve attribuir-se ao conhecimento, que toma a communidade com o seu proprio esforço, perante as necessidades da vida collectiva.

O sentimento patrio sobrevalece no conflicto de valores, de qualquer naturesa que sejam, quando o problema de nacionalidade em crise se apresenta, como meta a attingir. Então, de todas as energias,

possivelmente em conflicto, que visam á supremacia, uma quota parte é applicada na acção destinada a attingir o fim da collectividade, e esta colligação de tantas energias disseminadas entre esforços dispersos, e muitas veses antagonicos, constitue, pelo menos, um symptoma de unidade na vida espiritual e volitiva da communidade.

E sobre esta rasão de ordem, logica, concatenámos todos os argumentos que, na estreiteza do nosso trabalho, poderiam classificar-se do lado objectivo do problema, fasendo eliminar, quanto possivel, o sentimentalismo e os factores pessoaes. Contudo a integridade do sentimento proprio do auctor não poderia nunca separar-se do pensamento, que sobre elle se gerou expontaneo e intenso, nem tal sacrificio, de uma completa autotomia da sensibilidade, seria exigido ou acreditado.

Com este empenho de erigir edificio de solida defensão dentro dos modestos recursos do nosso poder, fomos levados a buscar, nos *similes* de varia comparação, os objectos e os argumentos, para formular esta tentatativa de uma theoria conceitual do patriotismo, sendo facil constatar, que esses materiaes nos serviram para um trabalho de reflexão, que nos dispensasse laborar na região mais vazia do pensamento subjectivo.

E' sem duvida legitimo o uso de comparações, com outros casos de materia mais conhecida, quando, n'uma questão desejamos tornar mais perceptivel o nosso pensamento, ou esclarecer os pontos de mais

difficil interpretação: estabelecendo analogias de origem, materiaes, e processos de parallelismo entre o aspecto e a marcha da questão, e as de outras, de estudo mais profundo e analysado. Todavia, longe de mais iriamos, se, entrando nos mais cerrados caminhos, indo dar a erroneas conclusões, abusando dos dados ou do poder imaginativo, concentrassemos toda a exclusiva attenção sobre o aspecto mecanista do assumpto, amplificando as semelhanças fóra de toda a proporção das dissemilhanças e differenças. E' assim que, por insanidade e ausencia de disciplina logica, qualquer espirito, que se permitte appelidar de scientifico, se resolve, sem receio de naufragio, a embarcar no batel das comparações, no qual troca a bel praser do seu desejo a analogia em identificações. E' assim que, o insolito Monismo, concentrando a attenção sobre a actividade mecanica da vida, e sem olhar a mais nada que se lhe depara (senão como provas do que se quer provar á força), perdendo de vista as differenças, que a analyse aponta inegaveis, define o animal tão sómente como um simples mecanismo, capaz de transformar a energia chimica da alimentação metabolizada, em calor. Reduzir a nulidades as diversidades entre o homem e os restantes animaes, equivale a desconhecer as differenças entre massas protoplasmicas, e outras entidades de diversa e mais superior naturesa, cujo valor não se pesa nas balanças, nem se examina no ultramicroscopio, senão no campo intellectivo, que é o proprio para conhecer aquelles fa-

ctores do espiritual, que para muitos seres são desconhecidos.

Tratámos sempre de fazer corresponder os grupos de analogias aos grupos de phenomenos, e, d'este modo, apresentam-se relacionados com imagens genericas de realidades. Os diversos tons e graduações das analogias permittem a essas imagens, assim menos discontinuas e mais approximadas, constituir-se n'um todo mais harmonioso, e, em disciplinada ligação, podem ser elevadas á categoria de conceitos.

Foi pois assim no campo objectivo, e por meio de seguro processo, que procurámos encontrar os materiaes, com que se podessem formular certas leis, que julgamos inegaveis. Sobre estas assentam as bases, com que se pode ascender aos limites da racionalidade do sentimento patrio, sem termos de investigar, alheiados d'esse campo objectivo, n'esse outro talvez mais intellectual, mas menos intelligivel, onde os argumentos seriam mais faceis de encontrar.

* * *

8 — Assim accentuada, toda a actividade logica e todo o poder da objectivação na analyse dos factos, fisemol-a tender para a realização de unidades.

O pensamento, na sua incessante actividade, é particularmente attrahido para a investigação do que persiste da massa dos phenomenos mutaveis,

e compraz-se em satisfazer as exigencias, que postulam a racionalidade de uma persistencia ou de uma invariancia, por entre o conjuncto das variações successivas ou coexistentes. Esta invariancia pode ser representada por um grupo de qualidades, de variações menos rapidas ou minimas, em relação a outras, ou sejam ellas proprias do phenomeno ou do ambiente.

Não teem, pois, como limite unidades perfeitamente absolutas, apresentando-se com os caracteres de um relativismo, dentro da sua propria tendencia para um dominio no absoluto.

A realidade alastra-se n'uma riqueza progressiva de conhecimento. Caracterisa-se por uma progressividade de conteudo, que lhe dá uma apparencia de dynamismo, resultante da accumulação dos dados para as conclusões se perfazerem no tempo. O que verdadeiramente accentua a realidade é o alargamento do ambito, da capacidade de comportar conhecimento conclusivo para o seu proprio dominio da verdade.

E' n'esta expansibilidade do ambito das permissas, que a historia se funda para substituir, fecundar, condensar e robustecer o conhecimento, isto é, os dados já laborados para a realidade.

A realidade constitue-se, pois, como objecto, e o processo pelo qual chegamos a construir a realidade dos conceitos phenomenaes, está intimamente ligado á propria estructura d'elles. A realidade constitue-se sobre os dados da objectividade sensivel, na

sua capacidade maxima, transportados e tratados no racional, em ordem a darem a sua expressão ultima sob a forma de conceitos.

D'este modo a realidade apresenta-se, em intima connexão, com uma categoria—a da existencialidade.

* * *

9 — A categoria de existencialidade corresponde naturalmente a um caracter, attribuivel a uma realidade primitiva submissivel á observação, ou criticavel. A sua origem encontra-se no instincto geral de conservação, que se transfere da intuição individual ao campo externo e reciprocamente, resultando d'este intercambio a sua organização no conceitual. Existencialidade postula, pois, permanencia ou antes, preferencia de uma evolução progressiva, a uma marcha regressiva de dissolução e aniquilamento.

Se a simples existencia do espirito singular conduz a essa conclusão, com mais razão se conclue das existencias dotadas de caracter de totalidade; d'aqui resulta, que o principio de conservação do sentimento patrio, ligado ao da existencia da nacionalidade, representa sempre um principio necessario no conceitual. E' a esta necessidade primitiva do principio de conservação que devemos chegar.

Sobre este principio varias deduções dão outros tantos subprincipios. Taes são: o que refere á necessidade primitiva de agregação (principio de asso-

ciação nacionativa), á necessidade continuada da conservação de agregado (principio de conservação racial), ao psychismo correspondente (principio de conservação do amor patrio), ou á essencia especifica de nacionalidade, emanencia de todos os outros) e de todas estas partições filiadas. O mesmo substractum aflora sempre—o mesmo caracter existencial postulado pela razão.

As affirmações conclusivas do estudo das classes phenomenaes, a que nos entregámos, podem ser assim, sobre tal fundamento geral, expressas sob as rubricas de principios reaes, de «principia essendi.»

Não é difficil estabelecer relações d'essas classes, ou dos principios que a ellas presidem, com os principios formaes do racional, com os «principia cognoscendi», dentro do relativismo da totalidade objectiva, a que se referem. Effectivamente a identidade especifica, reconhecida e affirmada a respeito de um grupo de elementos (de individuos do mesmo paiz, isotopicos e isoraciaes), a respeito d'esse «totum objectivum», permitte formar d'esse grupo uma classe logica.

Os principios phenomenaes, a cuja constituição fomos levados pela analyse, attendem á primeira das condições impostas pela logica, ao preceito da não contradicção. Não contradicção significa harmonia entre os actos simultaneos ou successivos da vida consciencional, e esta especie de harmonica continuidade implica, que os principios, que com tal caracter de mutua reciprocidade se devem apresen-

tar, tenham entre si uma funcção de correlação. A este condiccionamento não se faltou, e por elle reiteramos certas affirmativas e conclusões.

Esses principios phenomenaes, assim evocados para uma unidade de consciencia e para a sua synthese, apresentam-se para nós com um duplo valor: a motivação que os fez inspirar, e as consequencias praticas a que aspiram. Elles accentuam, pois, mais alguma cousa de que a simples constatação da expontaneidade creadora e synthetica do instincto.

* * *

10 — No dominio do real as variações dos seres, acompanhadas de caracter de progressividade, são admissiveis, quando tenham adaptabilidade ao meio, ou este não lhe seja antagonico, de origem ou occasionalmente. De entre todas as existencias, aquellas que se apresentam com um caracter de totalidade possuem uma evolução progressiva, que a experiencia prova mais energica ou rapida, e que a razão apresenta com um postulado, mais defensavel, do que no caso das existencias singulares.

Na verdade, nas existencias collectivas dotadas de unidade, a divisão de trabalho intervem de um modo decisivo, e a efficiencia propria d'este processo natural é, por si mesmo, sufficiente razão para a segura defeza do postulado no racional.

Conjugadamente com este dado, não indica a ex-

periencia, nem a razão exige, que o progresso seja constituido por addicções de tal modo performadas, que impliquem o aniquilamento, a destruição completa dos termos, das consequencias e residuos de trabalho anterior, pois que tal exigencia equivaleria ao postulado de creações successivas e de tal modo orientadas, que as suas manifestações condissessem com uma lei de progresso absolutamente exterior.

D'aqui se infere que, nas phases successivas da sua marcha de aperfeiçoamento, alguma cousa de anterior deve permanecer nas existencias da totalidade, que assegure no caminho do porvir certas ligações com o passado, dotadas de maior significação, do que se possa attribuir á sua repetição occasional. E, na verdade, a repetição é dotada de um rithmo (o estudo dos phenomenos historicos bem o comprova) que indica a influencia ancestral.

Temos, pois, perante nós, os elementos da hereditariedade, tal é o conceito pelo qual os dados se representam n'esse termo. Sem ella e sem novos elementos, as totalidades permaneceriam não inalteraveis, mas inintellegiveis, a nosso ver. A coexistencia dos elementos ancestráes com os evolucionados, dá á visão dos phenomenos os dois lados da realidade: a possibilidade do progresso no caminho da perfectibilidade, ou o retrocesso no caminho da decadencia, ou da stase dissolvente.

O estudo dos valores e da acção mutua dos ele-

mentos hereditarios, e dos neoformados ou evolucionados é de natureza propriamente psychologica, razão porque não o abordamos.

* * *

II — A impressão, a visão intellectiva, que, por entre a fluencia condensada e heterogenea dos successos, se resume e extrae dos factos, consiste, sem duvida, em que uma vontade subconsciente da raça quer a sua invariancia.

Mas a que impulso podemos attribuir o movimento da sua massa global que parece inerte? Que pensamento elementar do infra-psychico a dirige, desejosa e volitiva, ou que soberana lei a conduz, prescriptiva? Que pode representar objectivamente esse «quid», e porque motivo essa vontade quer assim? Ou em obediencia a que principio mais universal, a raça assim porfia, na invariancia da sua vida, cheia de esperança e sempre renovada?

Perante a grandeza portentosa d'estes enigmas, mal poderá responder a sciencia humana, affirmando que o valor prospectivo das raças é um dado, cuja probabilidade, em casos particulares, é calculavel no dominio da estatistica biometrica, provando-se assim em singularidades, certo caracter de inevitabilidade. Mas a sua filiação n'uma origem determinada permanece desconhecida, e o prestigio da grandeza, que a essa lei de invariancia

lhe dá a sua propria universalidade, augmenta o seu inextrincavel mysterio. Sómente fica de pé a interpretação no dominio teleologico.

Ao deixar-se o campo objectivo externo, surge naturalmente a introspecção, do que se nos depara no limiar da propria consciencia, que ora nos solicita imperiosa, ora se nos offerece passiva á actividade do pensamento reflexivo. Ella nos leva a inquirir se haverá alguma necessidade de ordem interna, propria da nossa mentalidade funccional, no sentido de prever ou de exigir que as series de causação postulem a sua existencia futura. O que se nos depara de apparencia teleologica, como systema e como processo de ultimo recurso á racionalidade, ser-nos-ha por ventura revelado como necessidade logica, a que condusissem as proprias leis, que representam a permanente actividade da esphera especulativa? Como todas as categorias, a de causação constituirá um conceito limite, util á validade das representações da racionalidade? E representará o que de conceitual se possa exhaurir do real, sem implicar a propria realidade?

Eis ahi um outro conjuncto de problemas, e se de entre elles alguns se poderão abordar no campo bio-psychologico, outros ultrapassam estes limites e espandem-se, livremente patenteados, á justificada curiosidade d'aquelles pensadores, que no dominio metaphisico julgam encontrar os «porquês» que fóra d'elle não se lhes deparam, anciados na sede do saber, sequiosos e para sempre insatisfeitos.

* * *

12 — Os inveterados habitos da mentalidade mal dirigida exigem, para sua propria satisfacção, assegurar-se da existencia effectiva d'uma causa e de uma só, como se fosse um dado observavel da realidade. Sem essa percepção, imaginada e desejada, a angustia do incompleto não se annulla. A uniformidade do trabalho intellectual anterior, e uma notavel falta de adaptabilidade a novos casos, exige peremptoriamente, que se preencha essa lacuna na vida subjectiva, que se apresente um «quid» figurando e ostentando-se, como causa immediata e correlativa de toda a classe ou variação temporo-spacial. Esta exigencia representa uma especie de hypertrophia da applicabilidade da noção de causa, e constitue um absurdo logico.

A causa (á parte a que constitue o conteudo do conceito geral da «causa causarum») não tem outro significado, que não seja o de um phenomeno associado a um outro, denominado effeito, e de tal modo colligados que, se o primeiro variar, o segundo varie, só elle e completamente no limite de variação do primeiro. E' este o significado vulgar e o que vulgarmente se exige, mas d'esta estreiteza de concepções, a applicar a todos os casos, não curamos.

Attribuir ao apparecimento ou á permanencia de um phenomeno uma origem unica, e dar, a essa

supposta unica concorrente o nome de causa, exigir a sua unica existencia colligada ao effeito, no dominio do conceito, constitue um profundo erro mental. O habito da analogia mecanista, applicada ás outras sciencias, é responsavel por este erro. Realmente, em mecanica racional, quando se trata de substituir um campo de forças pela sua resultante, admitte-se, tacita mas necessariamente, a homogeneidade entre ellas. Ou sejam de natureza electricas, graviticas, etc., etc., cada grupo de homogeneidade tem o seu valor exclusivo no campo respectivo.

A mecanica racional é conceitual. Tudo que é real é perceptual. A mecanica applicada comporta e exige mais investigações e a mecanica social (continuando n'uma sã analogia mecanista) ainda exige muitas mais.

O conceito de causa no dominio social, como «vis a tergo», como causa unica, dando impulsos ou actuando continuamente sobre uma collecção de massas, a que se attribue inercia, é de um ridiculo absurdo. Os actos sociaes dão-se em complicados campos, onde coexistem acções heterogeneas.

A producção e variação dos phenomenos sociaes constitue um grave problema de correlação e covariação, com um complexo de outros phenomenos concomitantes despertados no proprio campo phenomenal, e de nenhum modo originados exclusivamente por forças exteriores á substancia social. Se a palavra «vis» tivesse de ser fatalmente appli-

cada, o termo composto de «vis interna» seria admissivel. Em todo o caso, o ambiente não lhe é tambem externo, no sentido de uma limitação de funcções, pois existe sempre uma mutua compenetração de todas as partes, e de todos os seus actos.

* * *

13 — Sobre esta significação, que é das mais amplas, podemos admittir sem receio de ultrajar a observação e a razão, que todos os caracteres sociaes derivam de origens ou conhecidas e a investigar, ou ainda de outras por descobrir. O acaso é um termo que exprime a covardia de confessar a ignorancia.

Admitte-se pois a existencia de dados estabecidos, e reconhece-se a necessidade de razões scientificas.

Alguns dados, representam uma successão de factos, repetidos desde um passado longinquo. São estes os que se poderão investigar no largo sentido de causação, que adoptámos. Poderemos estabelecer, que o caracter de uma raça deriva, como resultante, da interacção, entre as potencialidades da herança ancestral e a *peristase* (1), com as suas resistencias, estimulos e depredações.

---

(1) Empregamos este termo inventado por Bacon, o chanceller no sentido de meio.

Será para examinar se os dados somaticos foram ou não modificados, e, tendo-o sido, se as modificações proveem de qualquer alteração das funcções, ou do meio global, se são ou não transmissiveis por hereditariedade, e se as variações proveem da inconsistencia do substractum original d'onde derivaram essas variações. Tal é, a nosso ver, o fundo do problema.

Reduzido, porém, aos limites de uma filiação em serie causal, o problema pode ser interpretado como um phenomeno de certa existencia objectiva, que se afirma dizendo: que, dos elementos de suc cessão uns permanecem, e outros variam de forma tal, que, apesar de certas oscilações, a possivel variabilidade patenteia, ao observador consciencioso, um determinado caracter de invariancia, e a investigação teria de redusir-se á avaliação d'esta invariancia nos seus termos de realidade objectiva.

Outros grupos de phenomenos solicitarão a nossa curiosidade, no sentido de prescrutar se, dentro da significação mais lata da «vis interna», a constancia de caracteres, a porfiada invariancia sempre novamente affirmada, impregnada, e envolvida pelas variações compativeis com essa invariancia, que oscilam em torno do seu valor medio, pode ser attribuida a algum «quid», especie de «vis a fronte», que represente o valor prospectivo de uma especie, ou de uma raça.

Alem do funccionamento singular de cada individuo, observa-se a raça globalmente funccionando

como um todo, querendo como que cumprir um destino, mas esta admissivel interpretação finalista pode, em parte, attribuir-se á permanencia dos caracteres ou residuos ancestraes, dando logar, n'este caso, á intervenção do significado subjectivo de hereditariedade. Entre os flancos d'este dilema collocámos a noção de invariancia, mais positivamente defensavel na razão, mais energicamente ligada aos factos, fasendo vida mental independente do flanqueamento das interpretações. E' fóra de duvida, que esta noção, encerrando um caracter prescriptivo, como uma lei, mostra a coordenação dos dados, permittindo expressar sobre elles a probabilidade dos futuros.

Deixando essa noção ou lei de invariancia, confirmar-se na perpetua fluencia dos factos, cuja investigação, verificação e critica se chama historia, é permittido admittir, que os successos seriados em causação (para satisfazer a insofrida rotina do «post hoc, ergo propter hoc») sejam tomados como marcos miliarios, que a raça marca no seu caminho, para a meta desconhecida do seu prospectivo destino.

*
* *

14 — O conceito de racialidade constitue uma consequencia logica a que chegamos, um «terminus ad quem» e não é de modo algum alvitre expontaneo e intuitivo; representa emfim uma ideia constructiva e terminal.

Essa representação, bem como outras que expomos, baseadas, emanadas d'um «terminus a quo» da experiencia, e formuladas sobre uma serie de reflexões, tem o valor logico de verdades formaes. A verdade formal é legitima e immediata consequencia da concatenação logica, a que já nos referimos, e que lhe assegura assim o criterio da realidade. A realidade não se pode definir por um ou mais termos simples anteriores, tendo de intervir n'ella, como criterios, todas as representações possiveis, e com ellas, todas as contribuições concordes, depois de discutidas. Todas as multiplicidades e complexidades connexas, nas quaes não se apresente contradicção, e que possam concorrer para a unidade final, constituem, emfim, a realidade. Tal é o seu criterio.

Este conceito da realidade, constituido, sobre os dados objectivos a que somos sensiveis, abrange as consequencias, que d'essas observações se harmonizam progressivamente, na communidade de um fim. Esta massa de dados, que a observação da experiencia universal offerece ao trabalho da reflexão, não se constitue subitamente, addiciona-se successivamente, enriquecendo-se no proprio caminho, com as proprias conclusões e com as da critica historica, que preenche o universal saber passando-o engrandecido de geração em geração. Assim o expansivel conteudo do conhecimento desafia o dogmatismo racionalista e intellectualista, que pelo orgulho procura disfarçar a sua esterilidade.

* * *

15 — A posição, que tomámos na realisação d'este trabalho, foi a de um simples investigador, sem pretenções a exhaurir os problemas, e tanto mais, que o campo, em que elles se encontram, é tão vasto, que a simples escolha de direcções a tomar, é, de per si, o primeiro arduo trabalho a performar. Fizemol-o no proposito de melhor cumprir a obrigação que nos imposemos, e na esperança de que, obtendo alguma benevolencia da parte do leitor, raro ou descuidoso d'este estudo, os problemas em que a collectividade tem todo o seu interesse, fossem, pelo menos, reconhecidos como existentes.

A coragem, que contra a nossa propria insufficiencia tivémos de arrostar, foi o arrimo com o qual, o forte sentimento, que nos une á Terra Mãe, se mantem e nunca desfalecerá. Devemos acrescentar, que a tendencia do nosso espirito veio sempre, pelo caminho da vida, a definir-se no sentido de procurar expandir-se n'uma totalidade mais ampla, em que elle, fóra da attenção do meio, se podesse fundir, como a parte no todo.

Podémos assim harmonizar, sem grande esforço, as exigencias da analyse, que tentámos realizar com as tendencias do proprio pensamento, no desejo de fazer trabalho de melhor valía, para bem servir Aquella, que sendo a nossa Patria, é o nosso melhor Amôr.

CAPITULO 1

ANALYSE SUMMARIA DO SENTIMENTO PATRIO

Razão de ordem — O campo de observação da psychologia patrio social — A simplicidade de certos meios sociaes, em coexistencia com a complexidade de tres grupos de phenomenos — A sua não irreductibilidade reciproca — Variabilidade do emocionismo geral e persistencia da affectividade patriotica — O sentimento patrio individual perante o meio — Os casos de athymia do sentimento — O grupo de phenomenos intellectivos — Possibilidade de divergencia entre emotividade e mentalidade — Os casos extremos de degenerescencia e a força reconfortante da cultura — Acção mutua entre o campo intellectivo e emotivo — Acção mutua entre o campo emotivo e volitivo — Influencia da cultura sobre a elevação do sentimento patrio — Emotividade volitiva — — A affectividade como dynamismo reactivo no sentimento patrio — Unificação da consciencia e liberdade de volição — Attracção patriocentrica — A intensidade do seu campo de acção sobre a mentalidade.

16 — A analyse do sentimento patriotico obriga-nos a dividir o conteúdo, que lhe attribuimos, em tres grupos de phenomenos, dos quaes o primeiro comprehende as manifestações, que se classificam em toda a escala do psycho-phisiologismo, o segundo forma-se com os elementos, mais propriamente,

psycho-intellectualistas e o terceiro constitue-se com as manifestações de natureza mais exteriorizada, ou que resultam dos factores accentuadamente intellecto-volitivos.

Muito ha a distinguir na multiplicidade das observações, no phenomenalismo das differentes camadas sociaes. D'elle escolheremos todavia um ou outro exemplo typico, e aquelle pelo qual começaremos (por nos poder servir como razão de ordem) resultará da investigação nos meios sociaes, onde a humildade da vida e do logar seja mais commum. Procuraremos ahi conhecer se, á simplicidade apparente do meio, corresponderá a simplicidade dos phenomenos individuaes, classificaveis no primeiro dos grupos distribuidos, que acima admitimos em primeira observação.

* * *

17 — Nos mais primitivos dos meios sociaes, de entre os de tão diversa categoria, que em todos os agregados nacionais se observam, n'esses meios em que se labora a vida mais perto da natureza, e nos quaes, por isso mesmo, toda a escala dos sentimentos naturaes é mais vivamente produzida, mantida e sentida, o campo de observação, que offerecem do sentimento e da idea de Patria, é o mais curioso e rico para a reflexão.

N'esses meios, os elementos sensoriaes entram por grande parte no sentimento, que se constitue

differentemente nas grandes aglomerações, no urbanismo. Nos meios mais segregados o «habitat», a localidade nunca abandonada, a constancia da circumvisinhança, o reconhecimento, que a terra lhe tem fornecido o pão material, alimentando, como Mãe comum, o grupo, a familia e o individuo; tudo isto, e aquella especie de amizade, que em geral existe entre todos nos mais humildes meios, faz sugerir um sentimento de communidade, pela semelhança de condições da vida somatica e social. Este psychismo éthnico, que, ainda nos habitos, se mantem pittorescamente inveterado, n'estes meios de conservação caracteristicamente regional, a communidade da linguagem e dos dizeres, pela qual nas canções do campo e das aldeias se afirmam as convicções da amizade local, da poesia da vida popular, do amor á sua terra, e do amor que condicciona a perpetuação da familia e da raça, todo este admiravel «Ethnos» concorre para a manutenção de um espirito reactivo contra qualquer signal de immissão extranha, contra qualquer possivel passagem, para mãos extranhas, da Terra Mãe que lhes servio de berço, de ubere e que só com aquella saudade, (morbida que ella seja), mas tão propria do sentimento nacional, não lhe servirá de estancia derradeira.

Mostra-nos este vulgar exemplo a existencia de uma relação da affectividade com o instincto volitivo, o mais prompto de todos no movimento de reacção, contra o estimulo de origem externa. So-

bre esta coexistencia que a observação nos revela, podemos concluir que a simplicidade do meio social não implica a dos phenomenos psychophisiologicos, que n'elle se produzem, e se manifestam.

O phenomeno puramente affectivo ou emotivo é difficil de surprehender. Do facto, elle anda naturalmente ligado aos dos dois outros grupos, pelos quaes dividimos o conteúdo do sentimento. A passagem do primeiro, para o segundo grupo de phenomenos pode indicar-se como a entrada da sensação no limiar da consciencia, que permite, ainda á mais simples, reconhecer a sua propria existencia. Desde que este reconhecimento seja possivel, a parte intellectual do ser sensivel trabalha, e pode dar acuidade á sensação recebida, ao sentimento desenvolvido pela repetição dos actos da consciencia memorativa.

A sensibilidade, qualquer que seja a interpretação adoptada sobre a sua mais intima e recondita origem, provém do infra-psychico ou do organico. D'elle se transmite pelo mysterioso funccionamento da estructura neurotica ao campo de subconsciente. Nesta confluencia funccional de entre espirito e materia, o limite é mal definido, assemelhando-se a uma zona esbatida, que se interpõe entre o racional e o dominio sensivel, por onde se ascende para a racionalidade.

Os factores, mais propriamente pertinentes áquella categoria infrapsychologica, podem classifi-

car-se como constituindo a massa reactiva do inconsciente extreme.

Possiveis são de constatar e avaliar na technica scientifica os factos d'essa classe, e a explicação interpretativa pode constituir uma theoria, que siga, com certo parallelismo, a que preside actualmente á interpretação geral de factos, propriamente biologicos. A analyse, que tentamos, não é porém prejudicada pela insufficiencia da informação e das conclusões das doutrinas. Não as acompanhamos nos ultimos recessos, onde as duvidas exigem novas investigações e as conclusões novos aspectos.

Não tratamos aqui da avaliação psychologica de certos effeitos, mas tão sómente de constatar os primeiros elementos da sensibilidade dos «recepta», como base do processo de ideação no conceito de Patria.

A transição do primeiro ao terceiro grupo phenomenal é, por outro lado, immediata, quasi instantanea, como se provou no exemplo com que abrimos este capitulo.

* * *

18 — E' da mais facil constatação, que a emotividade ou affectividade geral não é a mesma, num dado momento, para todos os objectos da affeição, e que, além d'isso, o valor para cada um d'elles varia mais ou menos rapidamente, podendo annullar-se, mudar de signal e suspender-se definitivamente, segundo

a maior ou menor resistencia á pressão externa, segundo o valor da constancia do caracter e d'outros factores, que não analysamos. Não é menos certo tambem, que a annullação simultanea, ou a suspensão de conjuncto de toda a emotividade, só em casos extremos de pathologia psychica podem observar-se.

A insensibilidade a certo objecto, ou á sua imagem memorativa, que numa época passada profundamente nos emocionou, essa actual suspensão da affectividade applicada, é commum nos casos de amor, menos vulgar nos casos de amizade. A propria consciencia nos interroga, se é possivel que a paixão no amor, subindo n'um crescendo, que parecia ilimitado, poude depois cahir, como se as raizes, que julgavamos inabalavelmente presas do objecto ao coração, fossem cortadas, rentes, e friamente, ou arrancadas do terreno da vida, sem que uma só fibra ficasse a attestar, sequiosa, a memoria de uma ventura passada.

Não obstante o subconsciente vive, e portanto trabalha sempre. Uma emoção, que se gera, sobrepõe-se aos restos ainda vivos de outras, que vão descendo na profundidade mais ou menos nebulosa do esquecimento. E' no fatal declinar das primeiras, que se geram as seguintes, e n'esta serie ondulosa, que caminha com a vida, e a attesta na sua memoria, a consciencia conhece dos seus valores por comparação, em termos de sensibilidade e de instincto volitivo.

Todavia, se passarmos do amor individual, nem sempre sugeito á fatalidade de qualquer lei, que lhe marque inexoravel um «terminus», ou uma decadencia, se passarmos do amôr do individuo ao amôr do grupo, da classe, da Patria, a differença é enorme, em intensidade e em caracter. Ella consiste essencialmente no caracter de persistencia. Na realidade o amôr patrio distingue-se de todas as outras modalidades do amôr, pela qualidade como que préviamente assegurada, de uma perpetuidade resistente ás provas mais adversas, ás desilusões e aos reveses materiaes, que conduzem ás mais cruciantes agonias do consciente. Resistente á aniquilação revivesce nas almas dos que ficam remanescendo vigilantes.

* * *

19 — No grupo de phenomenos observaveis no sentimento individual, em relação ao meio que o cerca, limitemo-nos a imaginar qualquer ente sensivel, n'aquella situação sempre relativa ao seu meio social, em que a procura do equilibrio com esse ambiente constitue a sua tendencia constante. Do meio, que o cerca, partem os actos que, sendo-lhe externos, constituem os agentes perturbadores, não só dos sentimentos permanentes, como d'aquelles que as circunstancias permittem classificar-se como occasionáes. As condições da vida social permittem

e exigem, para cada signal mais accentuado das perturbações de equilibrio, que novas situações ou novos trabalhos de adaptação defensiva do meio se produsam. Englobado como está o individuo na structura social, a sua vida influe no funcionamento geral, e a quasi continuidade d'estas alterações de equilibrio representa a vida da consciencia organica do individuo, em incessante movimento.

E' fora de duvida, que os actos da consciencia, no que ella tenha de mais sensorial, devem depender, na sua intensidade e constancia, de todas as causas capazes de influir no regime da energia, que os condicciona. A repetição d'esses actos pode occasionar uma especie de fadiga da attenção, uma senescencia do vigor nas determinações, donde resulte uma diminuição da capacidade dos valores, com que o corpo social deve contar entre os seus meios de defesa.

Por outro lado, na categoria de phenomenos que nos occupa presentemente a attenção, o dado primitivo que não devemos esquecer, é o facto da origem infrapsychologica da sensibilidade. Quando esta se apresenta hypersthesiada, significa a existencia de uma elevação selectiva do organico. As suas falhas, os symptomas mais graves de ausencia indicam da parte do sensorial um estado doentio, pela quasi permanencia da analgesia, da indiferença ás dores, que affligem normalmente, pela patria, o individuo. A indifferença ás glorias e ás

vantagens que advenham á Patria, especie de dysphoria pelo seu bem estar, é mais rara, porque o egoismo sugere a partilha dos lucros, que da communidade pode competir ao individuo.

Este estado de indifferença do particular pelo geral, doença do organismo social, constitue uma apathia, uma athymia, symptoma de degenerescencia da affectividade.

Este stygma sensorial é, comtudo, compativel com a permanencia da actividade mental, o que prova a heterogeneidade de dois dos grupos constituintes do sentimento patriotico.

* * *

20 — No grupo phenomenal em que o intellectualismo predomina, na emotividade intellectual, a sensibilidade ou capacidade de emoção á ideia de patria vem acompanhada d'aquella feição, que a cultura imprime, e que se manifesta pela abundancia das ideias, com que o espirito se enriquece, e que o dispõe a inclinar-se a mais de uma tendencia. Conforme esta se manifesta no sentido de auxiliar a affectividade nativa do sentimento de nacionalidade, ou de espargir-se em morbidas imaginações sobre a fraternidade universal ou outros sentimentalismos verbaes, assim o sentimento nacional se robustece, ou toma d'esse sentimentalismo o que elle tem geralmente de mais nocivo para a communidade.

Formas mais ou menos serias e intensas de cultura scientifica ou mundana dão resultados necessariamente diversos, conformemente, tambem, com o meio e o caracter individual.

Entre todos os casos observaveis, escolhemos um dos mais vulgares, porque se presta a mostrar tendencias, que conduzem a caminhos de resultados bem diversos. E' o caso do pseudo patriotismo, como sensibilidade intellectual á memoria do passado, com exclusão de outro sentimento mais forte.

Limitando aqui a significação de «memoria do passado» á da historia nacional, que não envolve necessariamente a epocha da nossa propria vida, é facil analysar o valor do pseudo patriotismo, quando redusido assim a essa esphera de passividade mnesica. A intuição do passado pode, então, revestir a forma e a intensidade de uma crença. Constitue a maneira mais elementar de todo o conhecimento, que affirma assim a realidade de uma visão subjectiva, com a qual o individuo se põe em relação. Todavia os elementos d'essa crença, como objectos de representação, só deverão provir da experiencia historica, para que possam constituir um objecto serio de pensamento.

Em uns casos, a influencia emocinante do folklore historico, e a leitura dos velhos documentos, dos quaes se envolve pela mente imaginosa o aspecto das passadas grandezas, bastam para dar uma noção exacta do valor do passado ligando-se ao presente por um traço de esperança. N'ou-

tros formam-se associações psychologicas, que se conjugam na admiração dos monumentos architeturaes com o goso artistico da contemplação das imorredouras formas de arte antiga, nos restos, que o desleixo ou a desgraça d'esses passados tempos deixaram, como contraste, á crassa vulgaridade do industrialismo constructivo, que os artistas não podem impedir. E por entre esta vegetação do sentimento rastejam certos caules de desoladora morbidez, em que um suave mas improdutivo e desorganisado sentimento de saudade, impera sómente como um sonho, e assim a imperfeição do organico communica á ideia de Patria, em certas mentalidades, uma inhibição volitiva, que a deixa incompleta, ínactiva e esteril, passando esta feição a limites que apparentam de criminosos.

A extremos inqualificaveis desce a sociedade ou o grupo decadente, quando insinua em termos de fatalidade, o desespero do exito n'uma luta continua pela liberdade, a incerteza do esforço, e mais que tudo, n'um vergonhoso desalento, a avaliação por vil e baixo preço das vantagens da independencia e da honra e gloria da liberdade patria. Quando esta baixa de valores sociaes se coteja com as grandezas da historia, que só para estimulo devem servir, então poder-se-ha dizer que a sensibilidade ás memorias do passado constitue muitas vezes, uma vesania moral nas suas miseraveis consequencias.

Mas se o espirito tende a conservar as representações, sadías e fortes, que a imaginação crea-

dora ou os dados resultantes da evocação lhe sugere, o sentimento patriotico alimentando-se com o conhecimento dos factos, assimilados por via da tradicção popular, enriquece no sentido do valor do meio que habita. Não é este o caso de menor intensificação do sentimento, germinando no concurso de uma sadia mesologia historica e actual.

A actividade, a constancia, o stoicismo que constituem a essencia das memorias viris do passado, nunca em espiritos sãos podem produzir sugestões de inercia. O estimulo da historia só aproveita em favor da collectividade ao valor dos homens livres, que por toda a especie de actividade a defendem, e não aos escravos e aos despresadores da liberdade Patria.

Alguma coisa de mais sadio pode accudir, como antidoto ou como substituinte, a esta tendencia degenerativa.

Na verdade o grupo de factores intellectuaes do sentimento patrio, que cabem mais em partilha ás mais altas categorias sociaes dos agregados, pode despertar no subconsciente, que subsiste como infrastructura da energia da raça, o apoio natural de uma intuição. Esta intuição pode offerecer á reflexão culta o estimulo para a defesa da sanidade do espirito e da consciencia ethnico-social, factores estes, que a propria educação desenvolve.

Por outro lado, a base do sentimento do amor patrio, nos meios de mais elevada cultura, não exclue de facto (nem logicamente se admittem como

exclusiveis), todas as outras raizes mais communs, e, por isso, mais universaes d'esse sentimento. Mesmo nos homens verdadeiramente superiores, inaccessiveis á degenerescencia patriologica, a expontaneidade da fé patriotica liga-se em continuidade, á reflexão sobre as necessidades nacionaes, e á systhematização dos actos, que conduzem á sua defesa e que exigem, na constancia da acção, a constancia do sacrificio.

Assim, em contrario do affectivo, o grupo dos elementos psycho-intelletualistas intensifica-se quasi sempre pelo uso, apurando-se e espiritualisando-se crescentemente. Ao contrario do sentimento, para cuja conservação, emquanto não vem a possivel fadiga, contribuem os factores externos exclusivamente, o estimulo funcciona aqui por actividade mental consciente, que na angustia da solução dos problemas (que a ella propria se propõe) se hypersthesia e se aperfeiçôa. Assim se formam essas entidades superiores nas quaes a realidade, com o caracter teleologico, procura ultrapassar, em per petuidade, os dados e as exigencias do presente.

O grupo dos elementos intellectivos interpõe-se entre os que constituem o «receptum» da emotividade e os de natureza volitiva. A interposição significa coexistencia e implicação mutua de funcionamento. Tentemos dar por agora uma imagem do que se pode conceber d'essa implicação, sem tentarmos nem de leve dissecar o phenomeno, pene-

trando no trama psychologico, no qual a implicação se opera. Limitemo-nos a indicar as syntheses parciaes combinatorias, que resultam d'essa implicação: tal é o emocionismo intellectivo, e a volição, que perdendo da expontaneidade, se intellectualisa exercendo se na opção perante um caminho que se bifurca. Tanto os estadios intermedios das alterações dos estados dos grupos, com as phases finaes marcadas pela invasão do intellectualismo, chamam realmente a attenção pelos resultados que d'ahi se inferem, como causas de certos desiquilibrios sociaes.

* * *

21 — O assumpto, que nos chama assim a attenção, pode ser estudado mais intelligivelmente se, em vez de o restringirmos, o ampliarmos a limites, que comportam todos os casos mais singulares, e entre elles, o que nos occupa: o do sentimento propriamente patriotico. D'esta maneira de o admittir á analyse resulta toda a facilidade de interpretação, que provem de se integrarem as particularidades na generalidade, e da facilidade do processo de ideação, a que essa integração conduz. Assim orientados podemos admittir a questão com a aspecto seguinte.

Seja cada grupo de phenomenos representado pela imagem correspondente, que vamos indicar:

o grupo de phenomenos da sensibilidade emotiva, por uma capacidade receptora, a que podemos attribuir um dominio especial, dotado de um poder transmissor para o campo intellectivo; o grupo de phenomenos intellectivos, representado por um campo, onde os elementos de fluxo da emotividade são laborados pelas operações no trabalho do intellecto; finalmente o dos phenomenos da volição, é representado por uma energia de posição, disponivel para a acção externa ou de actualisação.

Podemos considerar, que a capacidade sensivel se possa classificar em tantos generos. quantos os motivos excitadores da emoção. Podemos attribuir ao campo, em que se labora o fluxo da sensibilidade emotiva, com o qual se alimenta o intellecto, accessos diversos, que abram do limiar geral da consciencia para os dominios ou departamentos especializados do trabalho intellectual. Em cada um d'estes dominios do intellecto podemos considerar a existencia de certos poderes, no sentido de transformar, elevando ou deprimindo os actos de volição correspondente, em maior ou menor gráo de potencialidade. Não entramos na especialização dos actos externos porque ella não influe na interacção dos tres grupos de representação.

Cada dominio do trabalhe mental labora os elementos, que a sensibilidade lhe offerece á sua actividade. A energia intellectual assim especializada funcciona, como sempre, como excitadora dos campos colateraes: no da emotividade e no da vontade,

e em cada um consoante o seu caracter. No da emotividade augmenta a accuidade sensivel, a capacidade para a grandeza e intensidade dos «recepta»; e no da vontade, approximando os momentos da actualisação, e desferindo os actos em ser, que ella resume. E porque a observação a isso nos induz e a experiencia o confirma, devemos ainda admittir, em legitima conclusão, que cada departamento de laboração intellectual produz, simultaneamente, o augmento de capacidade ao grupo receptor e a alteração de potencial, ao grupo tensivo ou volitivo.

* * *

22 — Duas observações de natureza mais particular tem agora cabimento, para sobre ellas se reflectir e precisar as outras. Consistem em que, cada uma das actividades mentaes, especialisada pelo seu respectivo dominio altera em gráo muito diverso a potencialidade volitiva, ou para mais, ou no caminho morbido da depressão. Por outro lado, temos a considerar o facto, de que certos dominios da actividade intellectiva exercem, sobre outros, acções inhibitorias que os excluem do exercicio sobre os elementos emanados da sensibilidade. O estado atrophico d'esses dominio reduz, por uma especie de sympathia, não só a capacidade sensivel do campo correspondente da emotividade, como a tensão respectiva da disponibilidade da volição.

Estas duas observações accentuam o ponto culminante das representações que temos vindo expondo. As actividades dos dominios mentaes, elaborando os elementos do fluxo da emotividade, não induzem effeitos parallelos na vontade. A alteração do potencial volitivo tem um sentimento de elevação ou de depressão, que depende de um factor, marcado com uma anterioridade psychologica. Podemos dizer que, em geral, a actividade do dominio mental em acção só figura como excitadora da volição, quando os elementos do fluxo que labora provém do genero de sensibilidade que se conjuga normalmente com o instincto volitivo. Este instincto, esta synthese primaria, que define certos generos de sensibilidade alliados ao instincto da volição, resiste aos elementos das outras origens ou accessos da sensibilidade, que lhe possam ser adversos, ou que sejam de natureza tal, que elaborados no campo intellectivo venham a dar um abaixamento, na tensão volitiva. Neste dado conceitual encontra-se um parallelismo, uma harmonia com o principio da conservação do sentimento patrio, uma especie de finalidade em que entra por grande parte a acção sempre vívida do instincto patriotico. E' o caso, que analisamos, da imisção dos elementos da sensibilidade ao passado simplesmente historico, produsindo effeitos inhibidores, não só na sensibilidade aos males presentes, como na vontade de natureza collectiva, e o caso contrario dá-se quando um forte instincto patriotico, preexistente, resiste

ás acções inhibidoras. E' fora de duvida que o que fica dito, sendo apenas o esboço de uma analyse, é sufficiente para se proseguir.

* * *

23 — Sobre as reflexões, que os dados precedentes solicitaram, poderemos agora avançar para uma conclusão. Nas classes de maior cultura, o sentimento patrio não é tão sómente intuitivo e instinctivo. De origens psychicas diversas se pode constituir o sentimento patrio e de differentes stractos sociaes pode absorver a riqueza da seiva espiritual, espessada pelos recursos conscientes e esclarecidos das origens historicas. Esses grupos de cultura desenvolvem-se e fecundam a efflorescencia da alma nacional. O nivel da sua situação e a elevação da sua mentalidade permittem-lhes influir nas demais camadas, ficando adstrictas por essa mesma supremacia á clara e insophismavel obrigação de derramarem determinadamente o fluido animador do pensamento collectivo. A superioridade da sua acção apparece em todas as epocas, para imprimir a cada ser a particula da vida consciente da communidade, tentando faser de todos um só ente, constante no desejo volitivo e pertinaz da acção, generoso na dadiva da vida, pela vida mais ampla e dilatada da Mãe Patria, que tudo alcança, que tudo domina para um futuro que queremos sempiterno.

* * *

24 — O terceiro grupo de phenomenos pertence ao dominio da emotividade volitiva, e, para os estudar, temos de nos referir como caso médio, a classes sociaes, que possam ser consideradas, como não superiores nem inferiores á de uma classe normal. Como taes podem ser definidas figurando pelas impressões que nos offerecem os seus proprios caracteres.

Um d'elles, de origem mais primitiva na ordem das representações, consiste na emotividade, no sentir, na reacção emocional a uma causa externa. O outro define-se no agir immediato ou concomitante, na reacção instinctiva da volição. Emoção e instincto apresentam-se em estados de mutua e variavel relação, conformemente com os valores dos determinantes d'essas reacções.

Os determinantes são os que se figuram originar nos resultados da percepção directa, e aquelles que, n'outro dominio, são attribuiveis á imaginação memorativa, á acção das lembranças.

A affectividade não representa, pois, neste caso, uma qualidade ou um conjuncto de qualidades estaticas. Constitue, bem pelo contrario, uma aspiração a realisar alguma cousa. Define-se como uma potencialidade e como uma tendencia destinada a produsir effeitos de reacção, provocados pela acção centripeta do meio exterior, para o «receptum».